**Psicoses**

Nada mais natural de começar a matéria de psicose lançando luz sobre o conceito de foraclusão que possui uma lógica negativa do ponto de vista comportamental do padrão observado para a sociedade. Ele é fundamental para a diferenciação entre neurose e psicose. A ausência do Nome do Pai inscrito na psique de um indivíduo é o que Lacan denominou de foraclusão.

Porém o que seria este Nome do Pai do que senão a representação da função paterna que indica os mecanismos de controle, limites, bloqueios, castrações que abastecem os significantes com informações que transmitem os indivíduos mecanismo para melhor gerir a sua consciência.

Mas o que seria uma inscrição de um significante a não ser um componente neural que ao ser abastecido com energia forma uma via de expressão do que é percebido externamente do ambiente. O significante por si só é apenas uma estrutura que fornece informações de uma junção de eventos físicos que formar apreendidos pelo organismo humano. E ao ser inscrito, ou seja, energizado, compõem uma unidade de sentido denominado de significado para que este indivíduo ao gerenciar a sua psique através da consciência possa manifestar a sua vontade em repetir ou planejar movimentos mecânicos motores-psíquicos.

Quando o Nome do Pai não está incluindo como uma estrutura codificante da informação essencial de controle ele indica um conceito universal positivo da psicose, ou seja, a constatação da ausência positiva a forma de observação da patologia na denominação de psicose. Como nem todo mundo possui psicose, pode-se raciocinar que outras estruturas não possuem o mesmo mecanismo, o que é levado a pensar que o conceito de foraclusão não é um conceito universal.

Lacan ao abordar a forma de apreensão da psique humana chegou à conclusão de que existem três mecanismos fundamentais para fusionar um indivíduo ao tridimensional, ao qual os chamou: Real, Simbólico e Imaginário.

Ao Real atribuiu tudo que era externo ao indivíduo que fosse passível de introjeção dentro do organismo humano.

Ao Simbólico tudo que fosse apreendido que houvesse uma inscrição em um significante ao represar o dado para a obtenção de informações que permitissem melhor gerenciar este indivíduo como uma estrutura simbiótica com o meio, através do Real.

Ao Imaginário uma estrutura psíquica formada no intelecto humano com a finalidade de representar padrões de imagens sejam elas visuais, sonoras, gustativas, táteis que imprimem uma relativização espacial do que está em volta do indivíduo. Elas servem para serem explicadas pelo Simbólico dentro do processo de organização de uma informação.

Para Lacan embora o Nome do Pai não esteja inscrito, a estrutura organizacional que é necessária para seu desenvolvimento na forma de significante está presente, mas não consegue executar as funções conforme deveria caso os sistemas de controle estivessem verdadeiramente constituídos em referência ao padrão social verificado. Em vez disto, estes significantes assumem outras formas de interação em que a volta do sinal ao Real (Resposta orgânica ao meio) é um complexo ou constelação que não traz o que está foracluído, mas sim deriva em outros elementos que complementam a funcionalidade para ativação de uma demanda essencial que este indivíduo venha a necessitar.

O conceito de foraclusão não é um conceito de tudo ou nada, existem casos em que podem ser visualizadas foraclusões parciais, como também operações de foraclusões diferentes.

Há que ter precauções quanto a gestão de uma psicologia atrelada ao caráter do indivíduo, no qual é falho o raciocínio linear quantitativo em que visualiza a personalidade de um histérico, por exemplo, como uma pessoa que é patologicamente classificada como histérica neurótica, ou melhor, seria o caso também de uma indução ao raciocínio falho da imutalidade do pensamento classificatório a um raciocínio que indica o indivíduo com uma personalidade esquizofrênica psicótica.

Quando os Doutrinários como Freud e Lacan classificam indivíduos segundo suas estruturas cognitivas, busca, contudo, a não quantificação, mas sim a qualificação de como estas estruturas podem ser identificadas e observadas em termos de organização que signifiquem identificar as diferenças entre os diversos comportamentos individuais em fase do comportamento modal comum dentro do coletivo.

Segundo estes pensadores uma vez constituído um padrão de gerenciamento cerebral pelo indivíduo, em face a sua maturação etária, a cristalização de uma estrutura impede que outra emerja ou que possa ser trocada por outra dentro um trabalho analítico.

Porém isto levanta margens para que a patologia possa ser classificada como forma de expressão sintomática dentro do indivíduo a partir do desencadeamento de uma resposta que irá diferenciar de acordo com o princípio régio que coordena e define a estrutura psíquica do indivíduo como determinante qualitativo de seu desenvolvimento cognitivo.

TIPOLOGIA DAS CONSTELAÇÕES PATERNAS E DIFERENTES PSICOSES

Quando um indivíduo entra em crise psicótica, o que não está foracluído volta para o Real, porque não existem barreiras ou fronteiras e a constelação simbólica flui para o mundo externo abarcando o imaginário como insumo da vinculação com o mundo exterior por abastecer-se dele através da realidade interna deste indivíduo.

A volta no Real é a função abstrata e emergiu por apoiar a função que deveria ser desempenhada por uma constelação edípica. Mas o que seria esta constelação edípica? É a formação de atribuições específicas aos significantes através da triangulação entre o indivíduo e outros dois objetos: a Mãe e o Pai. Onde cada um projeta sobre a mente deste indivíduo algumas características elementares essenciais à manutenção da organização psíquica desse indivíduo. Onde a mãe representa a criação original do laço afetivo-psíquico e o pai representa as funções de controle que são alicerces para este indivíduo diferenciar padrões estabelecidos muito importantes para a integração de sua individualidade frente ao avanço do coletivo.

Se o sujeito fosse neurótico sua função paterna teria inscrição do Nome do Pai em sua psique porque haveria constituída em sua mente uma constelação edípica. Mas caso fosse psicótico, a função paterna, por alguma razão, não teve sua constituição, então este indivíduo teria uma estrutura qualitativa psicótica.

Isto não quer dizer que um indivíduo que não tenha tido um pai em sua vida que ele tenha desenvolvido uma estrutura psicótica, porque outros indivíduos além do pai, e até a própria mãe bem instruída pode gerar tais mecanismos dentro da psique de seu filho a fim de proporcionar um tipo de estrutura que não represente problemas psíquicos ao indivíduo depois de sua fase de maturação.

No caso de foraclusão um indivíduo não se apropria de um significado (uso do simbólico) insere sobre o significante uma significação provisória que melhor represente o atributo que necessita se referenciar em um dado momento.

Existe um significante mestre, ao qual é responsável pela origem de todo o encadeamento de pensamento, a este significante primordial é chamado por S1, ao ser convocado é natural que o seu núcleo abasteça a derivação de outros significantes cujo resultado esperado é a subjetivação de um indivíduo.

Este significante primordial S1 ao ser subjetivado compõe a estrutura organizacional do saber. Eles durante esta etapa de injunção da apreensão, ligando significante com a subjetividade, não é capaz de inscrever o sujeito segundo as apreensões de controle fornecidas pelo significante do Nome do Pai ausente no indivíduo psicótico. De forma que aspectos da história deste indivíduo estando presentes tais como sexuação do sujeito, filiação, amor, ódio,... passam a constituir uma metáfora delirante para constituir o papel do S1 que falta a este indivíduo próprio de sua subjetivação exercida pelos mecanismos de controle que foram introduzidos pelo Significante do Nome do Pai.

O que quero dizer é que o S1 verdadeiramente existe neste indivíduo como estrutura, mas não exerce a função de gerenciamento do ego ao qual sua funcionalidade de equilíbrio deveria gerar para contribuir para o funcionamento deste indivíduo porque o Significante do nome do Pai está foracluído.

Mas o que seria esta Metáfora Delirante? É a reprodução massiva do S1 foracluído com a finalidade de organizar uma transferência para o Real de uma lógica de raciocínio que aproxima este indivíduo da metáfora paterna, ou seja, do controle, dos limites e da manutenção de sentido da própria projeção ao qual é alicerce deste indivíduo da busca pela verdade, que é nada mais, nada menos que a aproximação deste indivíduo da realidade social.

Graças a esta percepção é possível aproximar um indivíduo psicótico de sua pseudometáfora paterna quando a reprodução destas modificações na constelação paterna do indivíduo *serve de auxílio ao indivíduo psicótico em análise a constituir um delírio viável*. Ainda mais quando a foraclusão é um advento parcial, em que o resgate do significante do Nome do Pai pode ser feito de forma a recompor as partes que integram este mecanismo potencializando os limites e controle deste indivíduo sobre as partes que permitem apreensão de conhecimento.

Não significa, porém, que uma pessoa que possua uma estrutura psicótica que não esteja em crise não possa levar uma vida normal. O padrão de normalidade também é uma característica para pessoas que tem uma estrutura psicótica que estejam em equilíbrio homeostático.

Se é plausível aceitar a hipótese de que o que volta no Real no momento do desencadeamento de uma crise psicótica, é uma constelação simbólica e imaginária específica, uma constelação edípica específica, - então esta constelação que volta no real pode decidir de destinos psicóticos diferentes.

**Contardo Calligaris**

Quando uma pessoa está em crise psicótica e a constelação ativada é de tipo histérico a fragilidade dos processos de castração, se pensado em termos de foraclusões parciais, torna incipiente a metáfora do delírio, devido à enorme quantidade de alucinações não auditivas e a escassez de alucinações auditivas. Porque sobre o movimento histérico passa a constituir as saídas mais sobre as porções do corpo do que propriamente sobre a mente projetiva deste indivíduo. Pode-se chegar à conclusão que alucinação auditiva exerce a função da expressão no Real da voz do Pai. Nas alucinações não-auditivas o sujeito surge no Real na projeção de si mesmo.

No caso do paciente esquizofrênico as tentativas de constituição da metáfora delirante são descontínuas e fluem de forma permanente a elaborar uma frase e duas frases em que um espaçamento das ideias origina a disfunção do ato de comunicar que uma pessoa de estrutura neurótica poderia se aperceber da retórica em sintonia de coerência causal com a linha sucessória do pensamento. Isto não quer dizer que a metáfora delirante não possa ser alcançada pelo esquizofrênico, mas sim que ele encontrará uma maior dificuldade em abastecer-se de mecanismos que o farão ser melhor compreendido.

CONSTELAÇÃO PATERNA NA OBSESSÃO E PARANÓIA

Na tipologia neurótica, a estrutura do Nome do Pai não-castrada ajuda na constituição do delírio, pois existe uma abundância de alucinações auditivas, porque este Outro que chamaremos de Pai está presente na mente do indivíduo que contribui para sua formação de sua Metáfora Delirante. O delírio constituído gera uma defesa para este indivíduo, caminhando pela noção de controle e limitação que é exercido por este mecanismo que é próprio do Pai, capaz de sustentar uma significação ao fazer uso de um simbólico que o indivíduo paranoico persegue na facilidade de um delírio viável.

As alucinações cenestésicas podem estar incluídas no grupo de alucinações não auditivas. A metáfora paterna viabiliza a sexuação do sujeito. Entenda sexuação como uma afirmação frente a uma postura biológica que remete a uma preferência a gerar um estilo comportamental em um indivíduo. Ela também pode se converter uma metáfora delirante. Esta sexuação é própria das estruturas neuróticas bem-sucedidas (metáfora do Pai), e como o padrão de normalidade insere sobre a neurose, no set analítico busca desenvolver neste indivíduo a sexuação necessária para o desenvolvimento de sua metáfora delirante.

As alucinações cenestésicas na paranoia são mais auditivas do que não auditivas. Quando o indivíduo em crise cenestésica aproxima mais da projeção da volta sobre o Real sobre o próprio corpo estabelece-se uma relação próxima da hipocondria, sendo a paranoia um movimento alucinatório cenestésico com predominância do auditivo.

Na psicose maníaco-depressiva a constelação paterna que se forma é do tipo fóbico. Ela é uma estrutura que não é condicionada a perversão biológica, politicamente resistente (simpatia), ao qual é condição para alicerce contra o medo. Tornando sua metáfora paterna frágil porque o Pai possui pouco controle sobre o indivíduo, porque não é um pai da castração, pois o fóbico é que possui sobre si a verdade. Então o indivíduo passa a oscilar entre a fobia por este pai e a redução de si mesmo, para agradar a este Pai, em relação ao Pai Castrador. Em que estes dois momentos forma um enlace que condiciona a estrutura da metáfora delirante na formação de dois polos que se rivalizam e deslocam o sujeito de um extremo para outro.

Na melancolia vista com uma psicose autônoma é possível uma fixação na fase depressiva de uma psicose maníaco-depressiva (PMD).

É também notável que, na psicose maníaco-depressiva, o sujeito não lida com a exigência paterna pela via da constituição do delírio, nem lida com a Demanda imaginária do Outro pela via da alucinação. Assim como na fobia não se trata de uma falha paterna imaginarizável, mas da insuficiência constitucional da metáfora paterna e assim como o fóbico tenta fazer valer o pai produzindo um encontro angustiante com o seu brasão, na mania também o sujeito lida com a exigência paterna no Real encontrando esta exigência, um encontro que vale e produz significação para o sujeito tanto mais quanto mais a exigência se manifesta implacável.

Contardo Calligaris

A metáfora da construção do pensamento presentes nos 3 últimos parágrafos permite ao leitor identificar o tipo de abstração em que os indivíduos inseridos dentro do contexto fóbico maníaco-depressivo, desenvolvem em termos de constelação que lhes permitem identificar mais solidamente com um quadro sintomático clínico.

Na depressão psicótica também não é diferente, o sujeito passa da mesma forma a se identificar com o Objeto (nesta linha de raciocínio o Pai), em sua entrega ao gozo do Outro como uma identificação não alucinatória, o que não é verdade dizer que este movimento cognitivo irá desencadear uma hipertrofia egoica do sujeito. Sendo o ego do sujeito reinventando uma significação para o objeto que o sujeito lançou sua depreciação que o conduziu a depressão psicótica.

RETORNO À QUESTÃO DA SIGNIFICAÇÃO DO SUJEITO PSICÓTICO

Se o sujeito não está inscrito no significante S1 portanto é foracluído então um saber não S2 irá introduzir este indivíduo do discurso proveniente do Real que também não está incluído no Nome do Pai que inexiste, mas é uma apreensão mais próxima deste indivíduo do sua estrutura análoga à sexuação simbólica.

Para um sujeito psicótico fora da crise sua significação não terá uma origem sexuada fálica. Portanto este sujeito não será barrado quanto efeito de castração, ao passo que o sujeito fálico este bloqueio está presente. A significação existe, porém não será fálica.

Como a significação do psicótico não é fálica a apropriação do conceito psíquico internalizado de vagina não traduz o mesmo conceito do que o verificado em um neurótico que passou por sucesso em todas as fases ao qual seu psíquico fora constituído.

Na realidade a significação predominante é a fálica. Ou seja, indivíduos que desenvolveram a metáfora edípica e que passarem em seguida pelo complexo de castração. O psicótico não teve a oportunidade de seu desenvolvimento ter sido orientado e concluído neste sentido, porque a ausência da formação integral do complexo edípico impediu o sucesso da fase de castração deste indivíduo.

Então há que se pensar numa organização do indivíduo que não seja ele reestruturar-se numa estrutura que esteja inserida dentro da metáfora paterna e seus processos de castração, pois estes alicerces não dão base de sustentação para uma clínica bem-sucedida quando uma patologia sobre este tipo de estrutura de organização psíquica requer um tratamento clínico.

Mas, apesar disto, o desencadeamento da crise como episódio específico faz com que possamos e tenhamos que pensar que a injunção a se referir ao Nome do Pai, que produz o crepúsculo do saber do sujeito, é um evento singular e distinto da pressão contínua da injunção social.

Contardo Calligaris

ESPECIFICIDADE DA PSICOSE INFANTIL

O momento da especificidade psicótica ocorre nos primeiros anos de vida quando o indivíduo fabrica sua constituição fantasmática (ligado a formação dos núcleos que dão origem à fantasia do bebê) e vai se produzindo até o período de latência deste indivíduo (8 – 15 anos).

Geralmente a criança somente consegue sair da crise quando há intervenção terapêutica. Às vezes, uma crise, pode durar por toda a vida, no qual o S2 particular do sujeito passa a influenciar sua tomada de decisão a fim de montar sua estrutura delirante de alicerce sobre o Real.

O fato é que Calligaris afirma a existência de uma psicose infantil diferenciada da psicose adulta. Quando uma criança tem uma psicose infantil continuada isto não irá implicar em 100% dos casos em um adulto psicótico, apenas num adulto que terá uma forma de funcionamento diferenciada de outras estruturas como por exemplo uma estrutura neurótica. Além do mais, as manifestações comuns evidenciadas na infância sobre a psicose infantil que são críticas podem sugerir o fracasso da constituição do aparelho psíquico que leva este indivíduo a um adulto psicótico.

TRANSFERÊNCIA PSICÓTICA

Quando os pacientes se fecham a ponto de uma escuta não ser criada para a geração de uma metáfora delirante no momento da crise, que é essencial para a organização psíquica do indivíduo para voltar ao seu estado de equilíbrio social, a consequência direta é o empobrecimento no trabalho psíquico desses pacientes, tornando o ato de reequilibrar-se na clínica algo maçante e penoso.

Quando um paciente psicótico se contenta com uma metáfora mínima sua constituição psíquica se condiciona a estabilização e consequentemente à homeostase cerebral.

O DITO ESQUIZOFRÊNICO

A demência precoce, a esquizofrenia é alvo de grandes discursão entre os doutrinadores, visto que existe uma tendência natural para a adição de um número cada vez mais denso de indivíduos dentro deste enquadramento patológico.

Entenda grosseiramente a esquizofrenização como um processo de inscrição no Real ou no Simbólico cuja principal característica é a perda de coesão tanto na cadeia da linguagem, quanto nos vínculos sociais que se encontram devidamente entrelaçados.

Embora para quem observa um esquizofrênico em momento de crise possa parecer que o simbólico transpassa um decadência dos ideais, na realidade o processo que está ocorrendo em seu interior é o de fragmentação de tudo que é apreendido, na forma de pensamentos, sentimentos e sensações.

Da fragmentação resulta numa saída corporal em que o ato de expressão do indivíduo geralmente pela fala denota uma cacofonia de ideias, um contingenciamento de lugares e ideias, fatores de confusões cronológicos, que passam para o ser social a ideia de que o indivíduo está transmitindo informações internas sobre si mesmo de forma aleatória, porque o ato de comunicação não estabelece um vínculo de relacionamento causal que permita referenciar a uma troca de informações entre o indivíduo emissor (esquizo) e o indivíduo receptor que possui outra constituição psíquica desenvolvida. ***A essa dispersão do Simbólico e a essa fragmentação do Real vêm somar-se ainda os reflexos plurais do Imaginário.***

O Simbólico se reduz ao nível básico sobre a visualização de quem também capta o Real junto com o paciente. Em que cisão e o corte do pensamento, sofre visíveis efeitos sobre o processo de expressão deste indivíduo.

O pensamento do parágrafo anterior originou-se graças a Lacan, quanto a Freud, sua ideia sobre a o que é conhecido hoje como esquizofrenia partiu da observação dos mecanismos inconscientes, em que o o pai da psicanálise desenvolveu a famosa ideia de linguagem de órgão.

Para Freud o esquizofrênico não tem inconsciente. No sentido da fragmentação ascender sobre a representação de coisas e não de representações de palavras. Freud estabeleceu sobre o conceito de inconsciente a necessidade de representação de palavras pré-conscientes das representações de coisas como elemento essencial para a ancoragem da definição. O que não significa que todo o desenvolvimento psíquico deste indivíduo seja consciente, mas que existe uma outra estrutura neste indivíduo que não possa ser chamada de inconsciente conforme sua definição.

Para Lacan sua tese sobre foraclusão é mais fácil de verificar o desdobramento deste processo psíquico e somático, pois “O que é foracluído do simbólico retorna no Real”. Existir no simbólico e Real são duas coisas distintas e diferentes.

O esquizofrênico também está foracluído, mesmo falando e inserido em uma língua, seu mecanismo simbólico não está presente porque para que o mecanismo possa se reproduzir é necessário represamento das ideias, razão que a não inscrição do nome do pai não permite, segundo a teoria, limitar o indivíduo dentro de uma linha de raciocínio que lhe promova a coesão referida em parágrafos anteriores. Então podemos pensar que a falha de estrutura está presente na forma em que o ego é fabricado dentro deste indivíduo que não lhe permita fabricar limites para o seu desenvolvimento estando ele desencadeando sinais para o Real.

Na paranoia a falta da metáfora paterna implica a ausência de inscrição Simbólica primária. Por isto é fácil ligar o paranoico com uma estrutura esquizofrênica.

A simbolização deste indivíduo tem uma clara correlação com a estrutura fabricada com o alicerce do Outro na figura de sua figura materna, porque o pai está foracluído. *Qualquer coisa pode ser elevada ao significante: para isso, basta que lhe suponhamos um sentido*.

A ausência ou falta da operação secundária que dá origem ao mecanismo de controle egoico da metáfora paterna, faz da paranoia, uma oposição ao Nome do Pai em substituição ao primeiro significante do desejo da mãe.

Para que o significante vá para o Real é necessário apenas sua ativação. Em que a estrutura binária de energia e não energia condicione a reflexão sobre o ambiente.

*Na esquizofrenia falta também a função de representação significante, pois o significante não representa o sujeito para outro significante*. Pois no desencadeamento de séries delirantes o retorno do Real se dá por base a um escalonamento contínuos de S1, S1, S1,... que não retornam o Pai como apreensão do sujeito, mas sim evocações cenestésicas sobre o próprio sujeito.

A paranoia é mais próxima do sujeito dividido em que segmenta algo, do que o sujeito esquizo que também segmenta mais no sentido de fracionamento deste algo que se identifica e é pulverizado em seguida para não constituir uma unidade de simbolização.

A alienação produzida em relação ao Outro apresenta-se no Real na forma de delírio. Na esquizofrenia a alienação não deixa recurso ao indivíduo em perseguir algo para a construção de uma cura em que a ausência de realização do pulverizar condiciona este indivíduo a crescente fragmentação de sim mesmo. Mas quando é possível com a clínica uma estabilização em que ele possa sair desta sequência de afetação para compor um algo que deixe de ser fracionado para vir a constituir em uma outra concepção de estrutura para fazer parte de uma alienação mais próxima do padrão neurótico.

O corpo erógeno do esquizofrênico é influenciado pela manifestação de fenômenos corporais cenestésicos, porém a ausência da simbolização oriunda da falta de simbolização, restringe este indivíduo a reprodução assintótica de seus sentimentos, pensamentos e sensações quando transferidos para o Real para eclodirem sobre a sua própria natureza corpórea em que o Imaginário é afetado a se descolocar conforme a apreensão do desejo deste indivíduo.

*Na maioria das vezes, o sujeito tem que atenuar a falta do efeito de discurso*. O delírio no vocábulo do corpo é que influência a afetação da linguagem sobre este corpo. O que pode ser observado em processos de automutilação, em que a ausência de significação não permite ao indivíduo a imposição de limites quanto a sua auto verbalização de sua autoagressão.

Poetização:

No entanto, se fosse preciso atribuir um papel à morte efetiva da mãe, eu diria que a falta da presenta materna encarna sem dúvida contribuiu para deixar o campo livre para sua presença exagerada como significante ideal do amor, enquanto a presença encarnada do pai, com os traços de insuficiência que o caracterizam, deve ter tornado sensível o demérito de seu personagem em relação ao seu Nome de Pai.

Quinet, Antonio Zahar

Na neurose e na perversão a metáfora paterna é presente, enquanto na paranoia o significante do Desejo da mãe em que o encaixe com o Nome do Pai é incipiente. Na esquizofrenia não há inscrição do Nome do Pai e nem do Desejo da Mãe. Neste último ocorre a dispersão significante. Para estabilização de uma crise, na esquizofrenia, um significante-mestre S1 ao reter o sujeito no sentido de gozo possivelmente estabelecerá laços sociais pela significação do sujeito pela representação no significante.

OS QUATRO ÀS DA ESQUIZOFRENIA

*Os sintomas básicos da esquizofrenia são os distribuídos das associações, afetividade, autismo e ambivalência*. Kraepelin afirma que a demência precoce, ou esquizofrenia, tem como principal problema a afetação da vontade humana. Em que esta se projeta para a zerificação de sua manutenção, como reflexo surge a extinção do desejo que é a base de estimulação para propulsão da pulsão e da libido. Entre os sintomas é possível perceber: a redução afetiva, indiferença pela falta de vontade, distúrbios do fluxo de pensamento, perda da unidade externa. Como elementos secundários é possível verificar a desconcentração, aparente observação de retardo ou excitação, agitação, alucinações, ideias delirantes, automatismos gestuais catatônicos, ataques depressivos ou de excitação.

Kraepelin utilizou o termo demência precoce, como forma de expressar um fator evolutivo da doença. Enquanto Bleuler se prendeu à visão da perturbação associativa da doença, enquanto Freud preferiu o termo esquizofrenia porque se prendeu a percepção que havia retirada da libido do mundo externo e retorno ao autoerotismo. A origem do termo esquizofrenia significa de uma forma simples ao conceito de mente cindida. Freud chegou a propor entre os colegas de profissão a substituição do termo esquizofrenia por parafrenia, não sendo aceito academicamente.

Para Freud a paranoia em relação à teoria da libido retorna ao narcisimo, enquanto a esquizofrenia retorna ao autoerotismo. Mas conduto para Freud não existe diferença entre paranoia e esquizofrenia paranoide. Freud preferiu agrupar tais patologias sobre a classificação de psicoses.

Lacan seguiu a mesma tipologia conceitual clínica ao agrupar tudo como psicoses e trabalhar com fatores de diferenciação como parte de um mesmo agrupamento cujo mecanismo de afetação existe uma singularidade específica.

Na paranoia verifica-se sempre a uma alienação imaginária do eu (Freud). Lacan além de verificar esta relação implementa a visão da alienação do eu espelhada que é projetada no outro. E a este último pensador a visualização da esquizofrenia como sendo o corpo despedaçado pelas pulsões autoeróticas de afetação do tempo cronológico do eu a partir da imagem do outro.

Na paranoia é presente e significativa a tentativa do sujeito de inserir-se num discurso formador de laço-social, enquanto na esquizofrenia o paciente possui uma dificuldade adicional principalmente pela falta de inscrição da figura paterna.

Para Lacan o indivíduo que desenvolveu a paranoia faz entrelaçamento do Real, Simbólico e Imaginário. Na esquizofrenia estes registros ficam soltos, porque o imaginário não simboliza de acordo com necessidade Paterna, então surgem os fenômenos hipocondríacos, as associações ficam fragilizadas com a pulverização do pensamento, e nada parece mais fazer sentido para o sujeito que sofre. O gozo se fortalece na esquizofrenia, invadindo todo o psiquismo. O sujeito esquizofrênico tenta com seus fenômenos, ou com seu “sinthoma”, entrelaça-los.

Pode-se visualizar como uma primeira hipótese a natureza de tendência autística do gozo do indivíduo que desenvolveu a esquizofrenia na psicose.

A esquizofrenia é um eixo central da psicose em que se concentram esquizes de divisão, clivagem e cisão do sujeito em relação à realidade.

A esquize se manifesta aqui, segundo Bercherie, “ Na perda do poder regulador do eu e da consciência sobre o curso do pensamento, e o conjunto das operações psicológicas se encontra a serviço da ação dos complexos. Essa independência dos complexos que se autonomizam tem como efeito a “cisão da pessoa”.

Quinet, Antonio Zahar

Freud viu a esquize em relação a sensação de perigo com que o indivíduo esquizofrênico se deparava como “real” em que esse indivíduo visualizava uma castração contrária ao desejo de manifestar sua vontade.

A existência de uma fenda interna faz com que o indivíduo se visualize dentro de um contexto pulsional de satisfação da pulsão em que se visa respeitar a realidade, mas ao mesmo tempo esta fenda se projeta sobre este indivíduo pulverizando sua reação na integração de sua vontade. Se uma pessoa que desenvolvesse a esquizofrenia tivesse lendo o período anterior ao se deparar com a palavra “fenda” poderia projetar em sua psique um delírio de que estivesse caindo em um abismo, razão esta de não simbolizar de natureza distinta o símbolo que tem outro representante metafórico.

*A divisão do sujeito é relativa ao choque com a linguagem, que é sempre traumática*. A realidade da castração em que o sujeito se apresenta como estrutura parcial ou não, é que vai identificar a forma que o agrupamento das ideias persecutórias será desencadeado pelo indivíduo esquizofrênico.

O recalque originário, na neurose e perversão, cria uma barreira inconsciente e ao gozo, em que o contato com a informação somente se dará através dos processos de condensações inseridos dentro do eu criando uma realidade da castração em que a esquizo é contida ao ser sustentada pela constelação fálica.

O inconsciente a céu aberto da esquizofrenia ao pulverizar o Outro subjetivado, não permite a localização do gozo não formando assim o laço social. Para Lacan: a realidade tem a estrutura de um quiasma entre a função visual e a pulsão escópica, uma realidade que é própria da pulsão do falante ao se deixar afetar na razão do próprio corpo assistido.

A cadeia associativa que forma o pensamento lógico sofre naturalmente uma soldagem no qual gera a unidade e função de síntese do eu. Quando este mecanismo não está presente ou operante em um indivíduo a manutenção da unidade processual da mente é uma tarefa muito difícil uma vez que os significantes da cadeia de significantes tenderão a ser ativados de forma fracionada dentro do indivíduo, gerando a confusão lógica-mental.

Este mecanismo de junção pode ser percebido como uma meta do biológico a ser alcançada para o alcance de uma unidade processual da informação. *Sua ausência, o sujeito fica entregue a um estado análogo à associação livre, ao devaneio ou ao sonho*.

A representação-meta inconsciente verificada por Freud que garante o encadeamento do significante, como nos sonhos, na histeria e na paranoia, são essenciais para a migração para o estado consciente de um indivíduo. Quando Freud em seu postulado sobre o inconsciente afirma que o esquizofrênico não dispõe de inconsciente está dizendo que ele é incapaz de estabelecer as conexões que permitirão produzir a representação meta que é alicerce para o vínculo associativo. O sentido se perde, a sexuação se perde, a rede de significantes não se sustenta ao ser lançada sobre o Real.

O enxame do significante mestre é o que assegura a unidade, a unidade de copulação do sujeito com o saber. Ela se estrutura na forma de saber inconsciente. E na esquizofrenia quando isto se quebra o significante primordial se estende ao infinito sem encontrar uma cadeia lógica que leve a fechar o circuito que conduz a representação-meta responsável pela condensamento desta união em torno de um objetivo comum psíquico, que se encontra dilacerado e pulverizado.

Quando falta a associação o pensamento é interrompido, a idealização do sujeito é perdida, a fala se torna bizarra, ilógica e incompreensível.

Então na esquizofrenia quando o processo acima é verificado a insuficiência de conceitos promove condensações mais facilmente.

A noção de deslocamento promove a ruptura de sentido em que um argumento deixa de ter base simbólica para ser deslocado para a superfície do biológico em que se aproxima da realidade do sujeito em que a Imaginação se projeta como alicerce do evento Simbólico que falta a este indivíduo.

Fica evidente ou à mostra a fragmentação das frases, à distração excessiva, barragens ao pensamento, elementos modificadores do curso do pensamento, em que uma dificuldade de associação impede este indivíduo da significação correta pelo uso do simbólico como mecanismo de identificação frente ao Real ao lançar sobre este um sinal de resposta que o fará ativar o saber que teoricamente deveria estar vinculado ao inconsciente que falta.

Se o significado falta ao significante, então este indivíduo para existir conta com sua projeção cenestésica sobre o próprio corpo como meio de alcançar sua correspondência com o ambiente. *A foraclusão do Nome do Pai tem como resultado a não precipitação de sentido. Daí a importância do corte no tratamento analítico.*

*Trata-se aqui da automatização do pensamento inconsciente percebida como o discurso do Outro, alheio ao sujeito*. Que por ter estrutura diferenciada é estranho ao pensamento que se individualiza. É como se a linguagem por ausência do simbólico passasse a prosperar graças a um outro mecanismo de identificação alheio as noções de controle e limites em que o indivíduo utiliza de uma forma diferenciada dos outros modelos cerebrais para poder fixar a informação dentro de sua mente, como também fazer uso delas com algo que identifique que esteja externo ao seu mundo interior.

A afetividade é outra forma de distinção visivelmente diminuída em termos de emoção sobre o indivíduo esquizofrênico, isto não significa que o esquizofrênico não seja reativo ao amor, ao carinho ao apresso as outras pessoas, mas que é constituído por outra forma em que seu raciocínio passa a demonstrar esta afetividade a partir de outros mecanismos que se estruturam de forma secundária ao projetar-se sobreo biológico-Real de sua plataforma de contato. Por ter uma dificuldade de expressão verbal é certo que a canalização da afetividade através do universo simbólico não é percebida pelo olhar de quem vive projetando afetividade através do simbolismo como no caso dos neuróticos.

No caso do autismo também fortemente presente dentro da estrutura psicótica que leva ao esquizo a desvinculação da ideia-pensamento faz um leigo observar o indivíduo esquizofrênico como uma pessoa não formadora de laço social. Porque a concentração do laço social sempre se dá por bases neuróticas também. É como se dois mecanismos de funcionamento funcionassem em dois idiomas distintos em que a junção de apreensão entre ambos não permitisse o intercâmbio de seus ideais.

Como Freud afirmava sobre o desligamento do sujeito em relação à realidade, não é levado em toda a sua plenitude completamente, razão principal da diferenciação da esquizofrenia para o altismo puro que neste último essa relação de inclusão em outra realidade é mais forte que no primeiro caso.

Já na ambivalência, condição em que amor e ódio aparecem cada qual de forma intensa em duas medidas temporais que não podem se cruzar é um dos componentes que integra a psique dos psicóticos que desenvolveram a esquizofrenia. A ambivalência consegue manter o fator de não contradição graças ao efeito temporal em que a separação ou cisão é o fator decorrente da lógica do raciocínio natural de quem não quer se alienar no conflito gerado pelo sinal ilógico de uma operação lógica inexequível. Ao mesmo tempo a manutenção de duas unidades econômicas é possível fazer-se perceber a ambivalência como uma expressão de ausência de contradição própria ao inconsciente, no qual os opostos tendem a se equivaler.

Por outro lado, a ambivalência dos afetos amor-ódio é tributária, segundo Freud, da fusão das pulsões de vida, Eros, com a pulsão de morte – fusão dialetizada na gramática pulsional. A falta da regulação simbólica do Nome do Pai provoca uma desregulação das pulsões que não permite qualquer dialética, ou melhor, ela provoca uma tendência à defusão das pulsões que se manifesta aqui pela simultaneidade do *enamoródio*, para utilizarmos uma expressão de Lacan. “Isso é o amorrrrr!” disse-me uma paciente, arranhando o “r”, para mostrar seu amor e o seu ódio por sua mãe.

Quinet, Antonio Zahar

O esquizofrênico mantém-se de forma pseudorobótica no convívio social. Sendo muito comum o aspecto imitativo do meio resultante de uma facilidade plástica e da adaptação do ambiente conforme afirma Hélène Deutsch.

A falta de autenticidade leva a leigos, geralmente neuróticos, a percepção falha de que algo intangível e indefinível se faz presente sobre estas pessoas. O Outro passa a ser percebido como uma bengala imaginária, pois ele não passa a se ocupar no lugar do outro na perspectiva de que o Outro demanda amor, carinho, afeição, compromisso e,...

A ausência de semblante dificulta a inserção no jogo social. Por meio do qual somente através da suplência imaginária, como uma cópia formadora da autenticidade, pode o esquizofrênico passar a ser computado como uma pessoa inserida dentro do contexto social.

Mas a incompreensão deste esforço por parte do indivíduo que deseja criar vínculo é a formação de cópias de expressão do real onde a figura da imitação surge como alicerce temporário para a gestualização deste ato de expressão da comunicação, onde não menos comuns indivíduos se tornam napoleões, mestres, eruditos em que é visível sobre o Real o espelhamento de suas personalidades como representantes de um Simbólico que não se encontra dentro mais que está projetado sobre uma impressão externa ao indivíduo. Então os indivíduos psicóticos que desenvolveram a esquizofrenia são comuns o desencadeamento de maneirismos, ecolalia, ecopraxia, ecomimia, rebuscamento, erudição, afetação, atos de tornar algo complicado e escalafobético.

AS TENTATIVAS DE CURA DO AUTISMO

*A própria fala, na qual se manifesta mais evidentemente o distúrbio das associações, já é uma tentativa de cura*.

Para Freud a fala e os sintomas na visualização da queixa do paciente esquizofrênico é uma majoração das palavras em relação ao aspecto de representação das coisas. Porém os sintomas são construídos a partir da relação entre palavras, enquanto os esquizofrênicos têm uma estrutura que estão mais facilmente interligadas as coisas, porque a ausência de significado por não ter o simbólico atuando fazem destas pessoas mais sensíveis ao que eles projetam pela sua superficialidade da pele e dos órgãos por sobre o ambiente.

Na esquizofrenia a palavra não se refere à coisa, vindo do ângulo de visão em que a coisa possui outra representação que não é de origem simbólica. Sendo as palavras vinculadas a um contexto cenestésico corpóreo do que as coisas aos qual o senso comum é capaz de perceber dentro da linha de raciocínio do preenchimento simbólico atrelado a noções de controle e limite de uma pessoa neurótica bem-sucedida.

Por não haver nem metáfora paterna nem metáfora delirante, pois não há uma amarração entre significante e significado, nem precipitação de um sentido, a metonímia própria à cadeia significante faz aparecer na fala o que seria, propriamente falando, uma “associação livre” – livres das amarras da significação, sempre fálica, os significantes se associam por sua equivocidade, e não pelo sentido que poderiam construir por sua articulação em uma cadeia.

Quinet, Antonio Zahar

Por isto se considera o abandono dos investimentos objetais como uma característica autista do esquizofrênico conforme afirma Breuler, ou como retraimento da libido. A realidade passa a não configurar a realidade neurótica projetiva do consciente coletivo social.

Ao etiquetar objetos com palavras o neurótico do senso comum transmite significado aos objetos a partir de seus significantes. Não é apenas a metonímia que encontra na fala do esquizofrênico como uma tentativa de cura, a construção de pares de significantes de sentido antagônico visando criar um contraste que gere uma afirmação primordial para fazer uma secção entre elementos e coisas distintas que podem ser enumeradas como abstrações sexuais devido sua capacidade de reter dentro de si apreensões segmentadas por blocos de especificidade.

Para Breuler, as alucinações cenestésicas na esquizofrenia existem predominância das percepções auditivas. Enquanto as alucinações visuais são mais facilmente percebidas durante o surto psicótico dentro da mesma estrutura aqui abordada.

Segundo Freud os pacientes dispõem da condição em sua vida corrente de ignorar parcialmente as percepções sensoriais, embora não consigam escapar das alucinações, porém quando a alucinação traz a formulação de uma ideia ou quando um interlocutor se apresenta cenestesicamente de forma auditiva a alucinação pode ser interrompida.

Na psicose, as alucinações têm caráter verbal, como aponta Lacan, desvinculando-as dos órgãos dos sentidos, par amostrar que se trada do significante foracluído que retorna no Real. Mas são sobretudo as alucinações auditivas as que mais se impõem na esquizofrenia: ruídos, zumbidos, tiros e música, mas principalmente gritos, sussurros, palavras e frases. Os insultos, as ordens, os comentários dos atos do sujeito mostram que as vozes não são neutras ou anideicas, mas visam diretamente o sujeito. O automatismo mental é bem evidenciado nas alucinapções psicomotoras verbais, em que o sujeito escuta em voz alta o próprio pensamento, que adquire assim um a dimensão vocal: isso pensa, isso fala.

Quinet, Antonio Zahar

A alucinação também pode ser concebida como uma tentativa de cura ao atestar a estrutura psicótica, retornando ao Real do significante foracluído do Simbólico em que a alucinação se apresenta como S1 no lugar real do Nome do Pai foracluído, e ele parte na tentativa de significantizar o Real, de simbolizar o objeto com a palavra.

O corpo é o lugar de inscrição dos significantes. O corpo só possui representação a partir do corpo simbólico, do qual o estatuto e a unificação do corpo humano é o produto final deste processo. Os corpos precisam habitar no discurso para entrarem em função. *Na neurose, o sintoma é um símbolo escrito na carne*. O sujeito esquizofrênico utiliza como recurso a linguagem do órgão para encontrar a significação que corresponda a sua busca pela realidade. Para a língua do órgão funcionar de forma adequada há necessidade da mediação simbólica e na sua ausência, não existe outro recurso que o indivíduo traçar uma estratégica para utilizar o imaginário como expressão do seu ideal de pensamento. O fracionamento do pensamento surge como uma forma inteligente do organismo de recompor as unidades primárias para fazer com que a linguagem do corpo se aproxime cada vez mais do Real tamanha a complexidade que a ativação assessória do corpo remete a canalização das informações aferentes que conduzem o indivíduo a interagir por meio do conhecimento com o externo fazendo menção ao interno também de forma a criar uma comunicação entre os dois canais que interagem.

No esquizofrênico o significante não faz barreira ao gozo. Convém lembrar que o gozo é a representação do Outro na expressão sobre si mesmo. Então, embora o esquizofrênico não consiga simbolizar pela ausência do Nome do Pai, ele é capaz de reconhecer determinados padrões que estão no ambiente em que a representação do Outro se insere na linguagem através desta descarga ao qual se denominou chamar de gozo. A captação deste real abastece a língua do corpo com a informação que servirá ao sujeito como expressão de seu conhecimento, que surgirá como uma tentativa do indivíduo entrar no discurso.

O ilogismo é um dos traços marcantes presentes das ideias delirantes dos esquizofrênicos. A contradição pode ser percebida dentro dessas situações. Do caos delirante faz surgir um mecanismo predominantemente persecutório. Em que as ideias de transformação pessoal estão cada vez mais presentes. Não muito incomum os pacientes podem perceber o absurdo de suas ideias, tomando-as como verdades puras. Se um delírio é nascido em fase crônica seus efeitos podem ser percebidos por muito tempo.

Na paranoia o sujeito encontra dificuldades de localizar o gozo no Outro, porque este se encontra excessivamente projetado sobre perseguir algo que esteja inserido dentro se si mesmo. E prefere se identificar com aquilo que é Objeto de sua referência.

Na esquizofrenia, não há gozo total no campo do Outro. O gozo retorna ao sujeito emissor, o esquizofrênico na forma de alucinações, fenômenos corporais,... *A esquize do sujeito se repercute na estrutura dispersa do Outro*. De forma que o fracionamento tem a missão de compor a integralidade do Outro ao qual se observa para deste fazer uma cópia integral que lhe permita imitar sua apreensão imagética como recurso para a comunicação.

*O outro é disperso; há uma multiplicação do S1, sem que constituam uma cadeia, apesar de o delírio ser uma tentativa de encadeamento*. Então o sujeito é representado pela apreensão do gozo como uma tentativa de inserção num discurso do laço social.

Então para facilitar este processo surge a Arte como uma forma de organização do Real sobre o sujeito, a fim de que ele venha a compor sua forma de comunicação em que possa copiar a informação de forma organizada que está no ambiente.

A captação do gozo é percebida na forma de a fabricação de um mecanismo de afetação, mais comumente reconhecido como sintoma. O sintoma transmite uma modulação do tipo de apreensão em que o indivíduo ao interagir com o Real está apropriando do contexto que se pretende atribuir uma psedosimbolização.

Assim a psicose ao manifestar a esquizofrenia também é uma estrutura funcional que também representa as múltiplas variações em que os seres humanos necessitam para compor um saber social.

A arte dá sentido dentro da construção delirante porque ela organiza as diversas impressões pulverizadas em que o indivíduo capta ao tentar integrar dentro de si mesmo o Real. Como uma noção de plenitude do indivíduo de querer alcançar o absoluto, então se reduzem ao fracionamento de si mesmas para atingir a perfeição da impressão do outro dentro de sim mesmo. Assim Cruzeiro definiria numa condição de enquadrar as pessoas que apresentam psicose esquizofrênica.

Para Saussure: “*O que é significante implica essa função da unidade é justamente ser somente diferença. É como pura diferença que a verdade, em sua função significante, se constitui*”. Os significantes moldam sua forma conforme a finalidade e objetivo de suas ativações. “*O traço unário é o traço distintivo que está na base de toda identificação*.” Devido as funções se diferenciarem não é um traço um elemento único de significação plena, mas um suporte para que esta significação possa coexistir em sintonia do corpo com os elementos que integram sua incorporação com as funções herdadas pelo significante a partir da estrutura do Nome do Pai.

*O gozo não se deixa aprender de todo, pois não há universal do gozo. Ele se desdobra, resiste a se deixar aprisionar pelo significante fálico*. Por esta razão o esquizofrênico busca como alternativa a potencialização deste gozo a não permitir se aprisionar pelo significante fálico, não permitindo sua inclusão no Nome do Pai. O S1 é o significante do encontro que não fora gerado pela falta. Na esquizofrenia o significante fica disperso, e se apropria do canal para manifestar a fala, olhares, palavras entrecortadas e frases, que a natureza do esfacelamento das ideias torna a retenção apenas em um vínculo direta quando o fracionamento do corpo estiver todo ele integrado ao elemento ambiental a ser apreendido.

O Um ser forma quando não há mais outra forma de manifestar o Outro sobre si mesmo, porque ele já está todo compilando dentro de si mesmo, e, portanto, é passível de ser fusionado dentro da estrutura psíquica do indivíduo. Porém quando a estrutura caminha para o quadro patológico é o indivíduo fragmentado a uma razão que o seu ***time*** não condiciona o seu somático a migrar o ***puzzle*** de forma integral para dentro do indivíduo, então ele sofre porque a verborragia se instala e não consegue ser compreendido do ponto de vista do encaixe social porque não foi capaz de codificar o ambiente de forma perfeita, pois o seu vaso está quebrado, mas então para emendar, somente com o tempo, para sustentar dentro de si mesmo o olhar do outro e do seu próprio eu dilacerado.

É a partir da contribuição de Kretschmer sobre o caráter sensitivo e o delírio de relação (ou de referência que Lacan faz a articulação entre os “acontecimentos traumáticos relacionados a um conflito vital do sujeito” e a evolução do delírio.

Quinet, Antonio Zahar

Geralmente os delírios são vinculados a determinações psicogênicas de três ordens: o acontecimento, o meio social e o caráter. Os acontecimentos são constituídos através da experiência vivida da pessoa que tem uma estrutura psicótica; já o meio social o fator etiológico da tensão do amor próprio em uma situação opressora é o insumo deste mecanismo; e, O caráter diz respeito a personalidade, que caracteriza a subjetividade do sensitivo.

*O sensitivo não consegue ter uma descarga afetiva quando do acontecimento traumático devido ao mecanismo de retenção na consciência das representações desse acontecimento*. Os aspectos desagradáveis e traumáticos tendem a se reproduzir sem critérios de parada na consciência do indivíduo, razão que nas estruturas esquizofrênicas este princípio torna mais complexo e complicada ainda a forma de estabilização de um paciente que possui uma visão fracionada de difícil acesso por parte do analista que não encontra vias abertas, ou portas para acessar esse sofrimento que está dentro deste indivíduo e fazer com que sua constituição psíquica que o remete ao contínuo fracionamento o faça afetar pelo reestabelecimento do vínculo com o Real na porção em que este vínculo não represente a apropriação do que está presente ou contido o seu sofrimento para que ele volte a ter o equilíbrio necessário para sua autopoiese existencial.

Os indivíduos quase sempre se fixam nos mecanismos autopunitivos geralmente atrelados a uma falta moral. Então as interpretações delirantes aprisionam a visão deste indivíduo dentro de uma ciclicidade de afetações provocando como consequência natural a perda da liberdade e o afastamento dos seres queridos. *Trata-se de uma retenção que a fixa como a que será punida, maltratada e então perseguida pelo Outro da maldade*.

Freud *aproxima a psicose da neurose obsessiva. A recordação e a recriminação são recalcadas e organizam o sintoma primário: a escrupulosidade. O aspecto do desprazer se desloca para uma representação distinta da recordação, ou seja, a ideia a esse gozo: é a ideia obsessiva*. O tipo de psiconeurose a ser classificada neste indivíduo dependerá dos fatores de crença e descrença na recriminação primária.

Dependendo da forma em que o significante traumático e o significante da lei interagem dentro do indivíduo é que irá determinar o tipo de interação do sujeito com a realidade, se ele irá se ater a rejeição do sujeito ou a busca pelo retorno do real.

O sujeito do trauma não se pulveriza na paranoia, ao contrário da esquizofrenia onde a fragmentação do sujeito atinge a identificação com diversas vozes, sentidos e cortes no corpo.

Na paranoia o significante da lei foracluído no Simbólico retorna ao Real do lado do Outro, assim o sujeito interpreta o que vem do Outro como sinal de recriminação, injúria e hostilidade, que se transformam em perseguição.

Quinet, Antonio Zahar

O paranoico é o próprio significante primordial da referência. A autorreferência se aproxima do retorno do foracluído no Real. A foraclusão faz com que o indivíduo venha a se projetar sobre os Outros. Na autorreferência o indivíduo retém o significante que o fixa em uma identificação ideal e rígida. O sujeito paranoico retém esta unidade de raciocínio em torno do mesmo núcleo que não o larga que o faz criar o laço social a partir desta identificação projetiva. O paranoico pode querer encarnar esse Outro como sendo a propriedade de si mesmo.

Na paranoia de massa é o indivíduo um messiânico em termos de estrutura em que há uma coletivização em torno de si, onde o núcleo formado deve satisfações a mensagem que está sendo transmitida por este ser único e integral que é “representante” de todo o conhecimento.

Na paixão de ser Um o desejo paranoico do indivíduo de ser integral o faz encarnar a missão de ser uma função na ordem do mundo, em que uma imagem é criada para ser a representação do personagem que difere dos demais por ser um “iluminado” à luz do conhecimento. Sendo o imaginário afetado por todos os Outros em que a comunicação do paranoico transfere o seu ideal a ser perseguido conforme suas diretrizes de vida. É a lei o seu ideal que está afeto ao seu coração.

Observem que a busca do ideal leva o indivíduo a ser integral, e assim sendo ele passa a necessitar de ser UNO. Mas o mecanismo psíquico que remete a paranoia faz com que este indivíduo busque cada vez mais integrar a informação, mas ao mesmo tempo que integra ele procura compreender as partes que se somam. E assim sendo, surge uma necessidade cada vez mais forte de particionar a informação até que o mecanismo de pulverização do pensamento encontre a unidade do pensamento que o faz integrar todo o conhecimento num único eixo de afetação que o permita satisfazer com a realidade.

Então Calligaris afirma que o mecanismo de paranoia a próxima o indivíduo de instalar uma constituição psíquica que irá aproximar este indivíduo para uma evolução de uma esquizofrenia. Em que o condicionante de que o Pai esteja foracluído faz com que este indivíduo possa entrar em delírio e desencadear alucinações em seus momentos de crise interna.

Para Lacan a definição de paranoia é de visco imaginário, sendo uma voz que sonoriza o olhar que aí é prevalente. Em que o desejo é congelado para manifestar apenas uma perspectiva deste olhar que quer conquistar a unidade da apreensão do conhecimento.

Então neste vínculo da geração da paranoia o sujeito passa a utilizar o S1 como sentido da interpretação de tudo que está ao seu redor. *A interpretação delirante para muitos autores é um raciocínio falso que toma uma significação pessoal para o enfermo, invencivelmente levado a crer que tudo se refere a ele*. Sendo ponto de ativação para sensação real, como um fato exato.

Convém o leitor não confundir interpretação como raciocínio falso com os mecanismos que afetam os indivíduos face as equações de ciúme, inveja, ódio, extermínio de ideias e incompreensão; mais próximas do sentido de perversão do Outro que ativa o indivíduo a perseguir dentro da paranoia uma forma de sobreviver ou rivalizar um aspecto importante para o seu próprio desenvolvimento.

Existe uma diferença entre interpretação delirante e interpretação falsa. A segunda é retificável, enquanto a primeira, compõe uma verdade ao qual o indivíduo se apega.

Existem também interpretações delirantes que promovem a adesão de pessoas de qualquer natureza, indiferente ao seu aprendizado, é a própria ciência a manifestação de uma paranoia que busca identificar toda a estrutura do real para torna-lo um sistema integralmente previsível.

A criptografia é uma forma que pode ser utilizada também com a finalidade de perceber o paranoico como uma estrutura em que o sujeito passe a buscar o oculto, o que não está evidenciado, como sendo a própria expressão da tentativa de fracionamento da ideia que pode irromper em um instante seguinte uma estrutura esquizofrênica.

Porém não é aconselhável a ninguém quando efetuar esta leitura identificar estes sinais como universais para toda a e qualquer expressão da paranoia, mas que a paranoia abastece destes elementos como insumo para que a busca continua do S1 desencadeie uma perseguição em torno no núcleo do pensamento a fim de que sua compreensão possa ser um ente integral.

O paranoico eleva sua tendência pela descoberta da significação, o neurótico também não está livre da busca de sentido, mas este não chega a querer esgotar um assunto em toda sua plenitude se contenta em saber uma equação de economia que o satisfaz quando atinge um determinado nível de conhecimento.

Em muitos casos a interpretação surge a partir de expressões idiomáticas. Em que as características clássicas do paranoico é o represamento em torno hipertrofia, a hiperestesia do eu, a falha do autocrítica (enfatuação e a arrogância) afetados pelo registro inserido no imaginário.

O maneirismo, a excentricidade, a megalomania, necessidade de sistematização do caos, descrédito total do mundo da realidade em que se deseja evidenciar uma “nova realidade” ou perspectiva desta, a busca pela razão de poder, a busca pela personalização, são formas de atingimento da razão em que fará do indivíduo perseguir uma lógica paranoica em que se condicionará a uma afetação para a geração de um conhecimento denotado como paranoico para classificá-lo como imaginário projetivo característico do eu consciente.

Dentro do quadro clínico conhecimento paranoico é tudo que se faz de conhecimento, mas é obliterado na realidade por uma grande angústia de não conhecer um determinado eixo de apreensão que remete a um saber que não está visível e que se pretende gerar uma correspondência consciente para que ele brote como elemento inserido na cultura.

O paranoico procura ser alicerce para a lei ao qual é percebido pelo indivíduo uma desordem do mundo, ao qual a lei do seu coração é uma forma de dizer ao mundo que sua fixação da perspectiva que conseguiu apreender como aprendizado segue um caminho mais sensato para a humanidade.

O paranoico quer legislar para concluir a sua missão de mundo, a que se dispõe a perseguir como objetivo, ao contrário do histérico que se queixa da sua relação com o objeto e, por conseguinte acaba se afetando por suas próprias projeções. O paranoico pode fazer uso de um mecanismo que promova o congelamento do desejo na paranoia, assim classificado pela teoria Lacaniana. *No paranoico o mundo será colocado em ordem segundo a geometria da tópica do Imaginário*.

A paranoia é uma forte estrutura como discurso, para uma modalidade de laço social, que não é tão percebido nas estruturas neuróticas. *Na paranoia o sujeito não é desconcentrado, mas está no centro... dos olhares*. O pensamento do desejo fixa a imagem que deve ser trilhada por este indivíduo que não é dissociada de sua vontade.

Não menos comum é fácil encontrar um delírio de observação, em que uma visibilidade do seu pensamento é uma percepção tida como um fato da observação cotidiana que leva o indivíduo a elevar sua autoestima em relação a outros que também estão inseridos no agrupamento.

A elevação da autoestima transforma o olhar do sujeito paranoico que o faz perceber-se mais altivo, onipresente e múltiplo em relação ao olhar do outro. O gozador é o paranoico, e não o sujeito que ele observa dentro do encaixa de sua linha de raciocínio centrada dentro do conhecimento paranoico.

A formação do nó borromeano conforme assinala Lacan identifica a propensão de um indivíduo na simetria de sua constituição psíquica em que o Real, o Simbólico e o Imaginário se entrelaçam a formar os complexos necessários para o desenvolvimento psíquico do indivíduo para que a atuação do indivíduo dentre dos eixos de interceptação sirvam como mecanismo de diferenciação que a fabricação da realidade psíquica funde conceitualmente o indivíduo para o retorno ao Real.

Na esquizofrenia o nó borromeano não está presente, sinal de que o complexo de édipo e de castração não foram gerados. Portanto o nó passa a não se sustentar como uma estrutura única, sendo as variações de fluxos de atenção e foco do sujeito determinantes para a apreensão como forma de expressão de particularidades de um aprendizado que retorna através do Real através da fragmentação de elementos que não podem se constituir pelo processo Simbólico como uma unidade lógica confederada.

O gozo fálico é formado pela função no diagrama de venn a partir da intercepção do Real com o simbólico. Quando o Simbólico falta este tipo de percepção do gozo é eliminado do retorno do Real por parte deste indivíduo. O gozo do Outro, origina da intercepção do encontro do Real com as porções biológicas do Imaginário, quando o indivíduo é foracluído ele possui apenas este tipo de comunicação para com o mundo exterior para ver uma representação do Real e interagir com ele em prol de sua unidade existencial.

*O paranoico apesar da elisão do falo (evitamento), tem o gozo fálico à sua disposição, o que lhe permite ter parceiros sexuais, porém à custa de ter seu desejo congelado no Imaginário.*

*Quinet, Antonio Zahar*

FREUD E O HOMEM DOS LOBOS

"Sonhei que era noite e que eu estava deitado na cama. (Meu leito tem o pé da cama voltado para a janela: em frente da janela havia uma fileira de velhas nogueiras. Sei que era inverno quando tive o sonho, e de noite.) De repente, a janela abriu-se sozinha e fiquei aterrorizado ao ver que alguns lobos brancos estavam sentados na grande nogueira em frente da janela. Havia seis ou sete deles. Os lobos eram muito brancos e pareciam-se mais com raposas ou cães pastores, pois tinham caudas grandes, como as raposas, e orelhas empinadas, como cães quando prestam atenção a algo. Com grande terror, evidentemente de ser comido pelos lobos, gritei e acordei. Minha babá correu até minha cama, para ver o que me havia acontecido. Levou muito tempo até que me convencesse de que fora apenas um sonho; tivera uma imagem tão clara e vívida da janela a abrir-se e dos lobos sentados na árvore. Por fim acalmei-me, senti-me como se houvesse escapado de algum perigo e voltei a dormir." (Freud 1918)

Levando-se em consideração que Serguei Constantinovitch Pankejeff, o homem dos lobos, assim apelidado em virtude da transcrição do sonho relatado a Freud tenha desenvolvido a paranoia que o acompanhou aos 20 anos de idade, a manifestação da afetação se deu através da hipocondria e crise persecutória.

O Termo Verwerfung cunhado por Lacan teve sua origem na análise do paciente de Freud que traduzido para o português é o conceito de Foraclusão amplamente abordado ao longo deste estudo. *O termo fora concebido em oposição a uma afirmação primordial a partir do estudo do texto de Freud*. Os conceitos de metáfora paterna e de Foraclusão do Nome do Pai ainda não haviam sido formulados, como mecanismos estruturantes da psicose.

Segundo a teoria para se fazer uma negação há necessidade de uma afirmação primordial cuja negação é um efeito declaratório do inconsciente.

A partir da afirmação primordial que a denegação é possível. Que se constitui a primeira afirmação rende um propósito definido de expressão da linguagem. Esta negação não é referente ao conceito de Foraclusão, ela é na realidade a expressão de uma pulsão de morte, na maioria dos casos, desvinculada das pulsões sexuais.

Para Lacan é a foraclusão uma elisão da Falo, em que a castração não é desenvolvida conforme deveria introduzir o homem no firmamento do complexo edípico.

O Homem dos Lobos para Lacan não foi bem-sucedido no advento de sua castração em relação a formação do complexo edípico, sendo a foraclusão no Simbólico a conclusão óbvia deste pensador para o que é retornado no Real.

Quando tinha cinco anos, estava brincando no jardim ao lado de sua babá e fazia entalhes na casca de uma das nogueiras (cujo papel conhecemos em seu sonho). De repente, observou, com terror inexprimível, que havia cortado o seu dedo mínimo,... e que esse dedo estava preso apenas pela pele. Ele não sentiu nenhuma dor, porém uma grande ansiedade, não teve coragem de dizer o quer que fosse à babá, que estava apenas a alguns passos dele; deixou-se cair num banco e assim permaneceu, incapaz de lançar outro olhar par ao dedo. No fim, acalmou-se, olhou bem para o dedo e – vejam só” – ele estava perfeitamente intacto. (Freud)

Note que o dedo alucinado é percebido num Real não sustentado por um eixo simbólico. O relato de Freud diz que o Homem dos Lobos reconhece neste episódio a castração, mas sob a forma de uma alucinação.

Para Lacan todo sujeito enfrenta o problema da castração, mas isto não significa que seus efeitos venham a reproduzir uma realidade operatória sobre o sujeito. Freud percebeu que o Homem dos Lobos ao introjectar a sua castração, ao qual negou por muito tempo, promoveu o recalque deste mecanismo que passou a vir à tona na forma de sintomatologia presente em seu discurso sobre o problema.

Lacan ao perceber a diferenciação entre recalque e foraclusão, formulou a ideia de que foraclusão é aquilo que está no sentido do recalque (que é afetado) mas não é o recalque.

Através do Édipo e a entrada na sexuação é que surge a diferenciação dos sexos na imagem interna do indivíduo. Quando o sujeito entra no Simbólico ele confere um destino a castração, ele passa a simbolizar e a falta se inscreve na estrutura subjetiva deste indivíduo. Existem dois tempos operativos da castração para o indivíduo neurótico, enquanto o indivíduo psicótico possui apenas um tempo em que a configuração da castração se fez presente junto ao Real.

A castração no neurótico acompanhada de uma negação é reconhecida como recalque. Já a negação do psicótico é inserido sobre a foraclusão pela ausência que o mecanismo se insere dentro da psique de um indivíduo.

*A alucinação visual não é privilégio do psicótico pois os histéricos podem ter alucinações*. A perplexidade levou o Homem dos Lobos a um quadro de alucinose. O efeito da não inscrição da significação fálica é originado pelo retorno da castração em que a elisão do falo aparece no Real sob a forma de alucinação porque a ausência de sexuação quando não permite a distinção da diferenciação torna o mecanismo de apreensão Simbólica inativo dentro deste indivíduo.

No registro do Imaginário a apreensão da imagem se faz por dois mecanismos: um contrário ao seu surgimento e outro concordante ao seu surgimento (clivagem do feminino com o masculino). Sobre o Simbólico na ausência da castração o Símbolo é foracluído.

Quando o sujeito se encontra na posição de gozo ele é marcado pela passividade. É fácil encontrar o sujeito fixado na posição de objeto de gozo do Outro. Em que a paranoia pode desencadear três modalidades a saber: delírio de perseguição (o Outro o odeia), delírio de ciúmes (o Outro o trai) e a erotomania (o Outro a ama).

No caso do homem dos Lobos não existe dentro do contexto psicológico do paciente um pai castrador, portanto os controladores e limitadores que condicionam este indivíduo a interação com o meio não foram criados sendo, portanto, um caso de foraclusão.

A ausência de controladores da falta da metáfora paterna por outro lado evidencia um pai excessivamente brutal que excede qualquer limite que condicione o indivíduo a um estado de afetação, isto denota um gozo que é percebido a partir deste pai imaginário que se insere na linha de raciocínio do paciente.

HIPOCONDRIA E PARANOIA

O Homem dos Lobos se identificava facilmente com as pessoas de seu convívio. Certa vez estando Freud com câncer fez emergir uma preocupação de desamparo, tanto da identificação projetiva com Freud por se perceber importante para o psicanalista no sentido que seu estudo clínico originou a fama de Freud como também nas generosas quantias que Freud doava para o paciente a fim de uma suposta contribuição para o estabelecimento, a partir de seu estudo clínico, da clínica psicanalítica.

Esta identificação originou a apreensão de uma série de traumas que o fazem identificar com um perigo de morte na constatação do surgimento de uma espinha no nariz, ao qual faz tratamento, e é recuperado, mas com o tempo faz emergir outra espinha na qual resulta em uma pequena cirurgia para remoção do abscesso por Dr. Ermann, não satisfeito vai em outro dermatologista que lhe dita a frase: “As cicatrizes não desapareceram jamais”, moção esta suficiente para repercutir negativamente sobre o Homem dos Lobos que começa uma implacável fúria sobre o médico que fez a cirurgia em um delírio de reivindicação.

Ruth Mack Brunswick diagnosticou o paciente com Hipocondria, que ideias delirantes de grandeza e delírio de perseguição estavam presentes, com traços de reinvindicações. Em seguida a hipocondria de fundo paranoico é constata em termos de diagnóstico, devido à dimensão em que os pensamentos persecutórios tomam dimensão dentro da projeção do paciente.

Para Freud é a Hipocondria uma das portas de entrada para o surto psicótico. Dentro do quadro psicótico é o homem dos Lobos introduzido dentro da paranoia em que os três registros: Simbólico, Imaginário e Real constituem sua estrutura de perseguir uma integridade corporal que seja o reflexo de seu estado pleno de saúde.

A partir de 1912 Freud vai considerar a hipocondria como a terceira neurose atual (antes era autônoma ou histérica ou neurose obsessiva). Aos poucos Freud aproxima a Hipocondria de uma estrutura psicótica. Em 1914 Freud aproxima a Hipocondria da esquizofrenia em referência ao termo parafrenia.

Já Breuler dizia que um dos distúrbios principais da esquizofrenia é o problema das associações do pensamento. *Para Freud a hipocondria é o fracasso da tentativa do sujeito de construir um delírio de grandeza que poderia dominar essa massa de libido através de formações fantasiosas*. Se o corpo manifesta no próprio corpo/eu então é caracterizado como hipocondria. Se o gozo para o Outro o delírio se instala.

Para Freud o delírio de grandeza mostra a tentativa de extravasamento da libido do eu para uma construção fantasiosa, saindo do corpo para o delírio de grandeza próprio da paranoia, em que temos o sujeito como o Um, o ideal para todos os outros. O Imaginário se concentra no corpo na hipocondria ou na enfatuação egoica da megalomania.

Quinet, Antonio Zahar

*Há um real do trauma que está presente na neurose traumática, na hipocondria e na melancolia, diferente de uma neurose*. Talvez o que os pensadores não tinham se atentado é a proximidade da sintomatologia que tem a hipocondria de uma afetação do indivíduo que possa ser visualizada muito mais como um componente tanto presente nas psicoses como nas neuroses, que aproxima de uma outra quando a estrutura do indivíduo faz emergir através do sintoma o estabelecimento de um quadro patológico muito mais robusto e sensível ao desencadeamento de outros princípios antes latentes dentro deste indivíduo.

As tentativas de suplência do Nome do Pai são da ordem do Simbólico e promovem o delírio, ou seja, são da ordem do Outro, e os efeitos da elisão do falo dizem respeito à imagem do corpo.

Quinet, Antonio Zahar

O Homem dos Lobos pode ser interpretado a partir de três séries: a série fálica com o desencadeamento da hipocondria; a série dos fenômenos na relação do laço social do paciente, a foraclusão do Nome do Pai e o delírio; e, fenômenos do olhar relativos ao objeto a.

As ideias de perseguição emergem inclusive em relação à Freud, a multiplicação das associações como mecanismo introdutório da paranoia, a visualizações de conspirações no mundo fantasioso do paciente, a identificação como herdeiro da fortuna de Freud, a interpretação delirante retroativa, o delírio de observação, solidificam a ideia de aproximação do paciente com o quadro de esquizofrenia.

O REFUGIADO DOS SÍMBOLOS FALSOS

O caso de John Nash que deu origem ao filme Uma Mente Brilhante é um caso clássico de paranoia, em que a personalidade do mundo real desencadeou paralelo ao seu brilhando trabalho como matemático.

A psicose desenvolvida por Nash teve a sua formação quando ainda criança que o pai identificado com a noção de perigo que a paranoia americana da segunda guerra mundial quando os japoneses invadiram Pearl Harbor, o fez em um ato de desespero praticar tiro ao alvo com seu filho em que o complexo de perseguição deste pai situava-se numa possível invasão da Virgínia por parte dos Japoneses.

Nash já tinha criado as condições para o desenvolvimento de uma estrutura psicótica, bem cedo teve um filho com uma enfermeira não fazendo o seu reconhecimento de paternidade, tempos mais tarde casa-se com Alicia ao conhece-la na cidade de Princeton. Quando descobre que ela está grávida entra em surto psicótico, talvez pela dimensão que o outro filho tenha lhe causado como um parto bem-sucedido que não era hora para ter ocorrido. Ao ficar agressivo em relação a sua esposa grávida é internado.

Paralelo às suas crises de demência, foi reconhecido pela sua eficiência em organizar através de relações matemáticas tudo que era possível para uma ordenação sensorial, de forma que suas fórmulas foram introduzidas em muitos main frames como uma forma de estudar o comportamento social dos seres humanos.

Sua fama fez com que rendesse um Prêmio Nobel tamanho o desenvolvimento que permitiu automatizar muitos sistemas antes percebidos como mecanismos de afetação do ser humano que eram inconcebíveis de ser ordenados.

Seu mecanismo sexual tinha vertente para bissexualidade, durante os seus relacionamentos afetivos teve prevalência de uma vida integra ao lar ao lado de sua esposa, e uma vida oculta ao lado de um amante do sexo masculino.

Ao contrário do que visualizado no filme Nash encontrou a estabilidade primeiramente para depois ir fortalecendo o laço social. O sujeito apenas encontra seu equilíbrio quando consegue resolver a sua dispersão e o seu desespero para participar do laço social e do discurso.

A matemática foi a forma encontra por John Nash para promover o laço social e ser identificado como um componente integrado à sociedade. A tolerância da sociedade em reconhecer a genialidade e ao mesmo tempo o psiquismo forneceu o tempo suficiente e a base necessária de sustentação para que Nash saísse de sua condição de crise. A solução de Nash pela via esquizofrênica devolveu a ele a dignidade e a exposição necessária pelo reconhecimento acadêmico de suas profundas contribuições para com a humanidade.

John Nash teve uma profunda contribuição para a formação da teoria dos jogos, e devido aos bons educadores foi capaz de se tornar autodidata conquistando uma autossuficiência que lhe permitiu até decodificar o seu discurso através de um sistema numérico que representava números ao invés de letras.

A foraclusão do Nome do Pai de Nash ocorreu quando ele entrou para o serviço americano de contraespionagem e gerando a primeira crise com a gestação de seu segundo filho, o primeiro de Alicia. Com o tempo a relação de Nash com Alicia corrói e eles se separam. Seus sonhos de ser espetacular remetem a uma sensação de entorpecimento que o condicionam a um frequente delírio de grandeza.

O delírio o levou a sair em fuga dos Estados Unidos pedindo asilo político em Genebra na Suíça.

Mas o que poucos sabem foi o conteúdo realmente que levou John Nash a ganhar um Prêmio Nobel na matemática e ser tolerado com o desenvolvimento de sua psicose ao mesmo tempo que rejeita a nação que o colocou em um pedestal contrariando todos os indicativos de que seu comportamento feriu os preceitos morais, éticos e patrióticos do povo americano, e mesmo assim foi capaz de lhe render um tributo de ocultar tudo que era inaceitável para a sociedade americana e ao mesmo tempo ser reverenciado como um exemplo nobre a ser perseguido – um arquétipo vitrine de um povo, sob a condensação de uma sombra que deve ser apagada. A própria figura de um herói.

Redator: Max Diniz Cruzeiro

Trabalho de conclusão da disciplina ainda não formatado no padrão da Universidade UniCEUB: **Psicopatologia: Psicose – Professor Mestre João Ronaldo Stemler**

**Livro: Introdução a uma Clínica Diferencial das Psicoses** – Contardo Calligaris

## Livro: Psicose e o laço social - Quinet, Antonio Zahar

Integrantes com participação em trabalho em grupo:

- Andreia Sasse

- Eduardo Portela

- João Rafael Ruas

- Leônidas Ramos Ghelli

- Max Diniz Cruzeiro

- Tatiana Casilo